

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Lyrica—Sonetos e rimas de Luiz Guimarães Junior; Roma; MDCCCLXXX.

Ha poucos dias escrevi de um poeta da natureza como Virgilio, hoje escreverei de um poeta da familia como Manzoni.

A bôa poesia, aquella que anda ameaçada de reforma ou aposentadoria por velha e gottosa, recobrou sangue e vigor juvenil com este livro. Elle é um protesto eloquente contra a accusação de estarem gastos os antigos moldes a que aliás se devem reputações poeticas de egregio renome, muitas dellas patrimonio já da immortalidade.

Fala-se em uma poesia *scientifica*, que si não é muito velha, não é muito nova; fala-se tambem em uma poesia *realista* e uma poesia do *mal* que buscam escalar as posições ainda occupadas pela poesia romantica.

Não se póde dizer desde já quem vencerá na luta pela vida—si os assaltantes, si o assaltado. Que ha indicios de luta, por ora sem grande alcance, não ha duvidal-o. A opinião invasora tem a sua frente alguns corypheus ousados; a outra, a que tem a cidade, mais confiada, ao que parece, no passado, que crente no futuro, mostra-se algum tanto tibia e hesitante para a defesa, como quem não está muito certo de ter do seu lado a bôa causa.

Muitos e valorosos soldados, e até galhardos generaes poderiam acudir ao toque de clarim, si o clarim soasse ; mas ha quasi silencio no campo invadido. Ouvem-se umas vozes murmurantes ; não se escuta nenhum clamor, nenhum brado ingente que indique certeza da luta, e animo deliberado de fazer face ao inimigo, e lhe não dar quartéis.

Soldado raso nas lettras, e outr'ora recruta, mas hoje invalido na poesia, não serei eu que vá dar o signal de alarma no velho campo onde jurei bandeiras. Estou em um terreno neutro. Não cultivo as musas, posto que seja admirador e amigo dos seus cultores. Limito-me a observar-lhes os vãos, e uma vez por outra dar-lhes algumas palmas, quando uns restos de entusiasmo juvenil me vem advertir que não é de gelo a idade grave, que se equilibra entre a juventude e a madureza.

Entretanto direi sempre que, comquanto muito progressivo, muito amante das boas innovações, não sinto inclinação pela poesia scientifica, unica em quem a romantica deve vêr um adversario digno de temer ; porque, quanto á realista e á do mal, estas formarão quando muito piquetes volantes sem bandeira nem disciplina que os habilitem a entrar em fogo, a não ser no fogo de emboscada, ou de guerrilha, que ás vezes—diga-se a verdade—é do mais mortifero e destruidor.

Sempre direi que a culpa desta guerra de polvora secca deve recair antes no estado maior da poesia romantica do que nos aspirantes a general da poesia scientifica. A responsabilidade é dos primeiros, porque deram parte de fracos muito cedo. Metteram-se a quartéis de inverno quando ainda lhes sorria estação amena ; quando no seu campo vicejavam flores, vagavam aromas, e lourejava formosa mésse. O silencio e o repouso foram considerados signaes de desfallecimento, e por isso surgiram da banda fronteira pretensões hostis, que se condensaram na formação da columna aggressora.

Tenho grande confiança no futuro da sciencia. Precisamos deste saudavel alimento como do pão para viver. Mas a poesia não é a vida, é o idéal, e o idéal não é a sciencia, que é pura e simplesmente a realidade. Sem vexame declaro que não acredito ainda no reinado da poesia scientifica, poesia desacom-

panhada de enlevo, desacompanhada dessa vibração idéal que é a voz e a alma de toda poesia, e sem a qual esta será uma voz, não será o canto.

A sciencia pôde pedir á poesia, e varias vezes lhe tem pedido brandos influxos para penetrar no espirito humano, e formar ahi convicções. Julio Verne conhece e pratica este processo. Si não fôra a fórma imaginosa das suas obras, elle não teria vertido conhecimentos scientificos tão facilmente no espirito das multidões. Flammarion descreve-nos os mundos planetarios em linguagem magica, em estylo seductor e sorprendente, arrebatando a intelligencia do leitor popular a alturas incomensuraveis, aonde ella não chegaria sem o auxilio da poetica. Mas que a poesia que sempre pertenceu ao dominio da paixão, para não dizer da imaginação, se reduza de linguagem dos affectos, que é, a linguagem de interesses ou principios que por si mesmos demandam prosa serena, curso sem vôo, comunicação sem exaltação para serem estimados e comprehendidos, isto é cousa que não me quadra, ou que me parece estar um pouco fóra dos eixos.

Não pensa assim uma celebridade scientifica e litteraria dos nossos dias, o Sr. E. Caro. Com proficiencia de mestre, estuda elle amplamente este ponto, e divergindo de Sainte Beuve a quem se afigura impossivel o consorcio da poesia com a sciencia no grau de complicação que a ultima tem attin-gido, entende haver triumphado da opinião do illuminado critico pela força deste argumento :

« Ha um lado na sciencia por onde ella influe profundamente no sentimento e na imaginação; é por esse lado que ella pertence á poesia. Si já vos aconteceu conversardes com um grande astronomico, ou um grande chimico, seguramente não pudestes escapar á fascinação do entusiasmo grave que enche a sua intelligencia, e não é sinão a sympathia profunda pelos objectos de que elles estão possuidos, a commoção dos descobrimentos já realizados, o tormento vago e delicioso dos que devem realizar-se. Vós não pudestes deixar estas praticas sem trazerdes a alma revolvida e fecundada. Por momentos vos identificastes com o pensamento do sabio, quer estivesse elle agitado por uma concepção nova e na pista de um dos mysterios da natureza, quer estivesse ainda animado da alegria de uma descoberta recente, ou tivesse resumido aos vossos olhos o estado da sciencia contemporanea de que elle é em parte o creador, esclarecendo-o por imprevistos raios de grandeza sorprendente. Poder-se-ia encontrar

disposição de espirito mais poetica do que essa, e nesse momento não haveria tanta poesia nas concepções animadas de um Le Verrier ou de um Pasteur quanta nas mais bellas inspirações de um Lamartine ou de um Victor Ugo ? » (1)

Si sómente por um lado póde a sciencia tornar-se objecto da poesia ; si esta só póde servir áquella em certos e determinados momentos que deverà espreitar-lhe, será licito concluir que a poesia escapa á sciencia. Ora, esse lado, indicado por E. Caro, é precisamente o lado mais transitorio, menos essencial da sciencia. Em geral o conhecimento das leis scientificas produz satisfação mas não enthusiasmo. Em alguns espiritos os descobrimentos realizados poderão produzir a commoção, e para outros os descobrimentos que devem realizar-se poderão ser o tormento vago e delicioso a que se refere o illustre academico ; mas força será reconhecer que nesses espiritos predominará não o genio poetico, mas o scientifico ; haverá ahi antes o investigador que o poeta. Digamos a verdade : sempre que a poesia deu mãos á sciencia, produziu frias obras. Nenhuma das que tem sido realizadas ainda fez escola, ainda colligiu em derredor della enthusiasmas. Nas lettras francezas apontam-se varias tentativas sobre este genero. Não foi a primeira o poema de André Chénier—*A Invenção* a que se refere E. Caro na sua apreciação sobre Sully Prudhomme. Antes de André Chénier, que o illustre sabio estuda tão eloquentemente na sua individualidade politica e litteraria (2) « pelos fins do seculo XVIII sob a influencia do grande movimento das sciencias physicas e naturaes que renovára a certos respeito o espirito humano, vê-se rebentar uma como emulação generosa entre os poetas. O proprio Voltaire tivera o presentimento dessa renovação poetica ao contacto da sciencia» « Sainte Beuve— escreve Caro — mostra-nos quasi por esse tempo trez talentos occupados com o mesmo assumpto, tendo cada um a mira na gloria difficil de um poema sobre a natureza das cousas: Le Brun tentára a obra segundo Buffon ; Fon-

(1) Vid. *Revista dos Dois Mundos*, fasciculo do 1.º de outubro de 1878, pag. 517.

(2) Vid. *Revista dos Dois Mundos*, fasciculos de 15 de abril e 1.º de maio de 1875.

tanés, em sua primeira mocidade ensaiara-se seriamente nisso; André Chenier avantajou-se a todos os outros, quer no rigor das idéas, quer no do pincel. Mas veio a revolução; abysmaram-se os projectos ou os homens; a poesia do seculo XVIII não teve o seu Buffon. Delille não fez sinão rimar gentilmente os *Tres reinos*. » E. Caro observa ser tão forte o pendor dos espiritos poeticos nos ultimos annos do seculo XVIII para esse ponto, que o *De natura rerum* tentado por muitos poetas na França, se esboçava ao mesmo tempo na Allemanha sob a potente mão de Goethe. « Para dizer a verdade — acrescenta o sabio academico — esse projecto permaneceu durante toda a vida do autor do *Fausto*, como durante a curta vida de André Chénier, collocado diante dos seus olhos como um ideal que devia realizar-se. » Mas a verdade é que nenhum desses benemeritos engenhos, nem mesmo o autor do *Fausto* que teve tempo de folga, nenhum realizou a grande obra. Faltou-lhe a inspiração, fonte da poesia, e meio de attingir o bello. O poeta é uma individualidade sonhadora, e até na descripção de acontecimentos ou da natureza, si não tem diante das suas vistas illimitados mundos por onde discorra sem vencilhos, ou não ha de voar, ou os seus vôos hão de medir-se pelos das aves das planicies que não sabem esguer-se aos alcantilados picos.

Uma tentativa notavel illustrou as lettras portuguezas no começo do seculo corrente. Mas quem fala hoje no grave poema philosophico — *A Meditação*, de José Agostinho de Macedo? E todavia é elle uma vasta e graciosa epopéa, onde os assumptos mais alevantados, já na ordem physica, já na ordem moral, são estudados com eloquente energia e masculino colorido. Não conheço neste genero composição de tão largo alento. Póde dizer-se que o estado da sciencia no momento de ser composto esse vasto trabalho entrou ahi, alumiado por uma intuição epica, por vezes tão sublime que faz suppor na grave musa lusitana folego de Homero. Dado o devido desconto, não me parece que seja superior á *Meditação* o poema *A justiça* de Sully Prudhomme, para o qual Caro tem tão amigas palavras.

Mas esta ordem de idéas me alongaria muito do modesto fim que me proponho na presente nota — o de praticar com os

leitores da *Revista* sobre o galante livro, livro esplendido, na fôrma e na essencia, do Sr. Guimarães Junior.

Si eu quizesse dar uma amostra da poesia que tenho por legitima e verdadeira, em parte nenhuma a encontraria mais gentil do que nos *Sonetos e rimas*.

Este livro impõe silencio ás objurgações dos contrarios. E' um como evangelho de puro e bom idealismo sem delirio nem vulgaridade, idealismo com amor sem torpeza, idealismo por vezes namorado mas nunca dissoluto ou grosseiro. Ainda naquelles assumptos que não primam pela castidade dos affectos, a musa do Sr. Guimarães Junior é delicada e respeita as conveniencias. Tem a compostura de um espirito bem educado. Eis aqui uma prova :

A PRIMEIRA ENTREVISTA.

Ella não tarda. Disse-me que vinha :
Mas quem sabe ! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista e não viesse !
Oh Deus do ceu ! que situação a minha !

E este relógio vil que não caminha !
E o tempo ! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já ! Ah ! se chuvesse !...
Mas, não : alguém tocou á campainha.

Alguem subiu veloz a minha escada :
Ouço um rumor de seda machuchada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda ! Espreito delirante :
Abro a tremer — e toda palpitante
Ella cae a sorrir entre os meus braços.

Uma só desgraça tem comsigo o livro — a de ser escripto em lingua portugueza. Vem circular em uma sociedade onde as lettras, si já floresceram com alegres brilhos, se mostram agora definhadas pelo mormaço da indifferença.

Si elle pertencesse ás lettras francezas, teria feito uma revolução pacifica, e estaria no plano que occupam as obras de Musset e Heine, aos quaes o Sr. Guimarães Junior não se mostra inferior na harmonia e na ternura, especialmente na-

quella ternura que tem as raizes na familia. Um terço talvez do livro é consagrado ás alegrias e ás dores do lar. Para mim é esta a melhor parte, a parte mais valiosa das inspirações do poeta. Fala ahi o sentimento, que é o mais original dote dos *Sonetos e rimas*. Dote adoravel, colorido que é o essencial de qualquer producção de arte. Neste particular nenhum dos livros brasileiros publicados nos ultimos annos leva vantagem aos *Sonetos e rimas*.

O sentimento é tão vivaz, tão communicativo que não raro o leitor chora com o poeta lendo-lhe os versos maviosos. Póde affirmar-se que nenhum assumpto se tratou aqui sem inspiração. Não ha uma pagina a que falte a uncção de certo lyrisimo plangente que parece ter passado primeiro pela harpa de David. Si essa harpa ainda existisse, eu diria que o Sr. Guimarães Junior tinha ido afinar por ella a sua lyra, que se revela menos um instrumento de cordas—uma lyra, que um instrumento de musculos—um coração.

O que particularmente me satisfaz é o testemunho, que dá o livro, de um adiantamento notavel no autor. As lettras são interessadas em saber cousas semelhantes sobre os seus cultores.

Não entrarei na analyse miuda dos *Sonetos e rimas*. Os rarissimos leitores da *Revista* que ainda os não leram, estão no caso de ajuizar do quanto valem pelas saudações da imprensa portugueza e fluminense, e pela reproducção de varias das composições que tornam tão valioso o fructo de engenho tão discreto e tão terno. A' *Revista* coube a gloria de ser a primeira voz da imprensa que pediu as alviçaras pelo mimoso brinde que as lettras brasileiras iam ter, publicando para amostra na sua *chronica litteraria* (1) o magnifico soneto intitulado *A voz das arvores*, que se encontra na pagina 28 dos *Sonetos e rimas*. Mas depois destas transcripções, muitas se tem feito, quer na nossa imprensa, quer na portugueza, algumas precedidas ou acompanhadas de juizo de autorizados escriptores, unanimes em tributar ao poeta fluminense os encomicos que conquistou

(1) Vid. *Revista Brasileira*.

tão galhardamente. Quem não leu commovido nos nossos diarios e periodicos essas deliciosas composições do Sr. Guimarães Junior: *O esquife*, *Fóra da barra*, *Visita á casa paterno*, *Meu pai*, *A avó*, *O somno de um anjo*, *O derradeiro olhar que na agonia . . .* e algumas outras?

Mas não está ali toda a riqueza elegantemente agazalhada no mimoso livro.

Muitas outras producções de valor exigem particular menção. Apontarei: *O filho*, que é de moralidade meiga; *Credo*, que é um hymno ao poder magico e instinctivo do amor maternal; *A morte da aguia*, e *Historia de um cão*, que são duas commoventes provas da grandeza do sentimento nos animaes; *Pagina intima*, e *A meu filho Gabriel*, em que se espelha a alma limpida do poeta, como pae e esposo; *A' sombra dos alamos*, que é, como tantas outras do livro, uma delicada revelação do seu sentimento filial; *A sertaneja*, gracioso retrato onde brilham cores locaes da vida do norte, e de que reproduzo uma estrophe admiravelmente lyrica:

Sonho com jambos e rosas,
Co'ás madrugadas formosas
Deste formoso sertão:
Meu sonho é como a canôa
Que vôa, que vôa e vôa
Nas aguas do ribeirão.

Não devo esquecer a segunda parte dos *Sonetos e rimas*, pallido mausoléu, onde o autor insculpiu com o buril da sua inspiração magoada os nomes gloriosos dos nossos mais caros poetas mortos. Longe da patria, para a qual traz sempre voltados os olhos da sua musa de suavidade feminina como a de Lamartine, elle tem ainda diante das vistas as saudosas irradiações que saem dos tumulos de G. Dias, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Varella, Agrario de Menezes, Franco de Sá, Laurindo Rabello, Bruno Seabra, Aureliano Lessa, José de Alencar e Porto Alegre; e a estes sóes para sempre occultos por traz das cordilheiras da vida paga o tributo da sua piedosa admiração.

Tratarei agora de uma das mais estimaveis flores da esplendido grinalda que o Sr. Guimarães Junior depoz, como offerenda de fillho ausente, nas aras das patrias lettras. Refiro-me à poesia que tem por titulo — *A borralheira*, Cantam-se ahi uns pés delicados, admiraveis, pés de mulher, ja se vê.

Esta parte da religião da fórma—o culto do pé—persuado-me eu que deve estar menos perto de nós que da antiguidade heroica. Para nos esclarecermos, consultemos a Biblia e Homero «duas grandes fontes—sagrada e profana—da civilização moderna.» A espiritos graves o assumpto parecerá talvez frivolo; eu não tenho a mesma opinião, e neste ponto estou ao menos com a arte. Assim como os ciganos têm nas mãos as sentenças do destino, já houve um philosopho, Aristoteles, que se propoz descobrir entre os pés e as inclinações da alma laços de intima affinidade.

Na Biblia não encontro nenhuma menção honrosa ao pé de Eva, de Sara, Rebeca, Rachel, Noemi, Ruth, Judith e tantas outras mulhières de famosa belleza. O penultimo versiculo do livro de Job termina com estas palavras: «E não foram achadas em toda a terra mulheres tão formosas como as filhas de Job.» Elogio conciso, synthetico que muito deixa que desejar. Por onde infiro que a analyse, a particularidade são de origem moderna, ou, ao menos, não pertencem a uma remota antiguidade.

No *Cantico dos canticos*, que de todos os livros biblicos é o em que mais entrou a plastica, deveria achar-se a solução deste ponderoso problema. Pois não se acha, com ser um poema profano descriptivo e largamente pessoal.

O poeta aponta as côxas que compara a «uns collares fabricados por mão de mestre;» o embigo que compara a «uma taça feita ao torno, que nunca está desprovida de licores;» os dois peitos que se assemelham a «dois cabritinhos gemeos;» o pescoço que é como «uma torre de marfim;» os olhos que são como «as piscinas de Hesebon;» o nariz que se parece com «a torre do Libano que olha para Damasco;» a garganta que se parece com «o melhor vinho.» Mereceram ao poeta hebreu distincta menção todos estes primores da sua haroina; mas

quanto aos pés guardou absoluto silencio (1). Omissão imperdoavel numa descripção erotica.

No Novo Testamento ha uma passagem que poderia talvez ser indicada. E' aquella em que Maria de Magdala, por ser agradavel a Jesus, lhe derramou sobre os pés um vaso de aromas, quando o joven mestre jantava com os discipulos em casa de Simão leproso. Maria não se contentou com esta demonstração affectuosa e benevola. « Levando o testemunho do seu culto a excessos até ahi desconhecidos, ella prostrou-se e enxugou com os longos cabellos os pés do mestre. » Mas é força reconhecer no procedimento de Maria de Magdala não uma homenagem à belleza dos pés do Nazareno, sinão á sua pessoa, a quem Maria consagrava grande affecto, ou antes ao fundador da nova religião que a Magdalena queria cercar de provas visiveis de alta estima. Ainda é de uso atirarem-se flores aos pés daquelle por quem se quer manifestar admiração.

Em Homero as mais altas divindades e as mais formosas mulheres distinguem-se ordinariamente por indicações phisicas, que algumas vezes se referem aos pés, sem que isto queira indicar primazia ou distincção de belleza nesta parte do corpo. Achilles « *dos pés ligeiros,* » quer dizer Achilles veloz e agil. A Juno chama Homero « *deusa de alvos braços,* » a Minerva « *deusa de olhos azues,* », aos Gregos chama os « *Gregos de olhos vivos.* » Estas denominações, como « *Aurora de dedos de rosa,* » « *Thetis de pés de prata,* » « *Jupiter de longos olhares,* » « *Juno de grandes olhos,* » são meros qualificativos que dão a conhecer aquelles a quem se applicam, e os distinguem. Ahi se diz « *Iris de pés velozes como os ventos,* » como se diz « *os Titans de cem braços,* » ou « *os Gregos de comprida cabelleira.* »

(1) No *Cantico dos canticos* traduzido pelo padre A. P. de Figueiredo, e pelo qual me guiei, encontro estas palavras (cap. VI, vers. 4):

« Que airoso são os teus passos, ó filha do Principe, no calçado que trazes ! »

Devo porém declarar que Renan verteu o verso hebraico por este :

« Que tes pieds sont beaux dans tes sandales, fille de prince ! »

O Dr. Carneiro Villela na sua excellente versão do *Cantico dos canticos* (edição do Pará, 1878) traduziu o referido verso:

« Teus pés são lindos, pequenos,
Filha de principes nados !
bailam vivos e serenos
nestas sandalias calçados: »

Tradução elegante, mas evidentemente livre.

Helena, causa da guerra de extermínio que se accendeu entre os Gregos e os Troyanos, não é apontada como um prodigio de formosura sinão em palavras que não a retratam mas sómente a revelam. Ora é « a bella argiva », ora « a mais nobre das mulheres » Os chefes do povo, tratando della, exprimem-se assim : « Pelos seus traços e porte, ella assemelha-se ás deusas immortaes » Emfim, a sua elevada representação não teve forças para levar o poeta a fazer, na pintura della, uma excepção á sobriedade do estylo heroico. Imagina-se que a mulher de Menelau era o typo da belleza ; imagina-se, mas não se tem disto prova robusta na *Illiada* ou na *Odysséa*. Quanto é diferente o estylo desses tempos do de hoje ! Quantos autores da moda não occupam largas paginas em descrever uma sala de jantar, umas saias enxovalhadas, um catre ! Eu mesmo quantas tiras de papel não estou gastando neste assumpto humilde.

Todavia— tornemos atraz— na *Illiada* já o pé, como objecto de distincção, começa a apontar para mais tarde ter pleno culto na Grecia artistica e sensualista. O poeta sublime tem para o marido de Helena estas expressões positivas : « Assim, Menelau, as tuas coxas robustas, as tuas pernas, os teus *bellos pés* estão tintos de sangue » (1) Tratando do ponto em que Juno, para dispor Jupiter a favor dos Gregos, se adorna com as melhores graças, e apura os mais seductores encantos que lhe lembra a vaidosa tentação divina, o poeta escreve : « Depois ella envolveu-se em um véu soberbo, brilhante de frescura, branco como o sol, e metteu os seus *pés deslumbrantes* em formosas sandalias » (2)

Mas tudo isto diz menos que, os frescos versos da lyra em que Anacreonte retrata o seu amigo Bathyllo :

« Dos pés graciosos
« Que posso eu contar-te ?
« Esmera tua arte
« Fazendo-lhe os pés. » (3)

(1) *Illiada*, canto IV.

(2) *Ibid.*, canto XIV.

(3) *Lyrica de Anacreonte*, traducção de A. F. de Castilho, pag. 82.

Coluthus, poeta grego do seculo V da nossa éra, referindo-se no seu poema — *Rapto de Helena* ao ponto em que Paris examina com a vista, como juiz, as deusas concorrentes ao pleito para aquisição do pomo da Discórdia escreve :

« Elle comparava o brilho dos olhos dellas, as formas do pescoço, o ouro dos adornos de cada uma, a *elegancia do pé*, etc. »

Antes de Coluthus já Ovidio tivera cores mais vivas para revelar que a sensação produzida por um pé gentil não lhe era indifferente, quando dizia a sua amada :

« Não approximes as tuas côxas e pernas das *delle*, nem toques com o teu pé delicado o seu pé grosseiro. »

*Nec femori committe femur, nec crure cohaere ;
Nec tenerum duro cum pede junge pedem.* »

versos que A. F. de Castilho verteu graciosamente :

Ah ! por amor t'o peço ; ah não toleres
Que das mimosas curvas
Se te approxime o rustico Joelho,
Ou se una á *delle* a tua côxa airosa,
Nem pé tão vil a *planta* tão mimosa. »

Deixemos porém a antiguidade, e concentremos a nossa observação nos tempos modernos. Aqui, sim, o pé tem a plentude da sua importancia. Por andar vedado ás vistas, por ser fructo prohibido, um bello pé reúne porventura a roda de si mais adoradores que uma bella mão ; e não é só isto : fala-se nelle, fazem-lhe versos laudatorios, queimando-lhe muitos bom incenso para que fique ainda mais delicioso. Na litteratura franceza quantas paginas se não encontram consagradas ao elogio e admiração do pé da marqueza de Pompadour, essa mulher adoravel que illuminou com a sua belleza uma côrte sinão um seculo e que teve um rei preso ao seu reinado della, em cadêas de flores como as que tiravam o carro de Venus, talvez menos bella que a amante e tyranna de Luiz XV ?

D'entre os muitos escriptores a quem o pé da Pompadour deu assumpto para galantes apologias, lembra-me Arsène Houssaye, o qual, si não tem as filigranas e os meandros da phrase de Janin, tem a fina penetração de

Theophilo Gautier, e a elegante malícia de A. Karr. Peço permissão ao leitor para reproduzir parte de um escripto de Houssaye sobre o pé da Pompadour (1). A versão foi feita por uma penna, neste género de escriptos brilhante, que o sopro frio da morte acaba de quebrar—a penna de Aprigio Guimarães. Encontramol-a na *Columna electrica*, que elle tinha a seu cargo, e tanto contribuiu para ganhar creditos o *Jornal do Recife* quando era revista semanal de sciencias, lettras e artes, ha vinte e um annos.

Dou logar à traducção de Aprigio Guimarães:

« A Pompadour viera á officina de Coustou, afim de *poser* para uma Diana Caçadora. Sempre trazia alguém comsigo; mas Coustou era Coustou; sua mão tocava a da marqueza por *distracção*, e elle empallidecia.

« Um dia, era de mais, acordou louco, isto é, apaixonado pela Pompadour, o que era peor. A marqueza viera com o abbade de Bernis, eterno *madrigalista*, cujo breviario eram as obras de Lafontaine.

— « Trago-lhe, Sr. Coustou, um indiscreto que, á força, quer ver-me *poser*; mas, a tempo fal-o-emos retirar-se.

— « E' questão de tempo, marqueza, ver-vos-ei no galante *deshabillé* da apaixonada de pomos, que nos fechou o Eden. Ver o vosso braço nú em carne, ou no marmore do Sr. Coustou é o mesmo. Mas que digo? Vós sois feita do mais puro Carrara. Não sabeis que o Sr. Coustou transforma o marmore em carne?

— « Ah! disse Coustou com um olhar apaixonado para a Pompadour, não sou um Pygmalião. Si ardo no fogo sagrado, Galathéa jamais se anima.

.....
« O abbade abriu Lafontaine, mas de repente:

— « Ella tem bonitas pernas; e Diana tinha um pé tão bello?

— « Não é da vossa conta, diz a marqueza.

— « Em outra occasião trataremos do pé, accrescentou o esculptor.

— « Estou bem certo, continuou o abbade, que a marqueza *posera* para tudo, menos para o pé.

— « E porque esta injuria a meu pé?

— « Mas a questão não é ter o pé pequeno, é tel-o moldado pela mão de Praxiteles ou Cléomènes.

— « Sr. Coustou, hoje mesmo o pé.

« E a marqueza deixou cair o borzeguim.

— « Sr. abbade, olhe para lá.

« E dizendo isto, a marqueza desatou a liga e-deixou cair a meia.

« Quanto a Coustou não olhava para outra parte.

(1) Vide *Galeria do XVIII seculo*.

« No momento de descobrir o seu pé, a marquesa possuiu-se de um desses pudores que encantam, e são familiares mesmo ás cortezãs ; córou, e parou com a mão. Era um lindo espectáculo.

Coustou tambem córou. Cousa singular ! Ella teria exposto o seio sem córar ; parecia que o pé era a sua ultima virgindade. Era que d'Etioles, seu marido, e Luiz XV, seu amante; nunca lhe tinham visto o pé.

« Finalmente a meia rolou sobre o borzeguim.

— « Oh ! que bello pé ! exclamou o abbade.

— « Sr. abbade, pois que sois entendido em cousas sagradas, dizei um pé divino.

« A marquesa, ainda rubra, escondeu o pé na cauda do vestido.

— « E' um pé digno da officina de meu tio Nicolau, diz o esculptor. Que elegancia ! que altivez ! que expressão !

— « Dir-se-ia que elle vae falar ! acrescentou o abbade.

« Era com effeito um pé antigo, branco como a neve com o reflexo levemente purpureo do poente, d'um desenho idéal, d'um contorno acariador. Só o pé da Guimard, esculpido por Houdon, póde fazer sonhar os que na belleza da mulher não se contentam com a cabeça, os que não querem perder uma estrophe do poema, cujo poeta é o esculptor... »

A litteratura portugueza tambem tem adoração para este feitiço da fórma. Dentre outros, occorrem-me os versos de Fernandes Caldeira reproduzidos no importante livro do Sr. C. Castello Branco—*O Cancioneiro alegre*. Depois de os comparar a muito mimo delicado, dando toda a razão ás palavras deste eminente escriptor « fazer de um composto de tarso, metatarso, phalanges, musculos, nervos e cartilageus um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais idéal e esthetica, mais perrexil e atavios que os dois pés reaes da dona do pé cantado » conclue o seu hymno:

« Olha, a dizer-te a verdade,
Eu acho que é crueldade
Deixal-os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
Levo-te a ti num dos braços,
E elles ambos n'outra mão. »

Não fica a dever á litteratura portugueza a brazileira. Raro será o romancista ou poeta dos nossos de mais fama que ainda não tenha testemunhado em prosa polida, ou em verso arredondado e esmaltado, o seu apreço por um desses pés femininos que se mostram de relance, fazendo negaças, provocante, subtil. J. de Alencar escreveu um livro *A Pata da gazella*, onde um pé representa o primeiro papel. Todos sabem, ou ao menos,

já leram uma vez na vida aquelles inimitaveis versos do Sr. Senador José Bonifacio que tem logrado tão vasto curso no Brazil como o *Roi d'Ivetot* de Beranger em toda a França:

.....

« Não, não quero painéis de tal encanto,
 Tenho gostos humildes,
 Amo espreitar a negligente perna
 Que mal se esconde nas rendadas saias
 Ou ver subindo o patamar da escada,
 Sem azas, a voar, um pé de fada !

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa
 De tez folha de rosa,
 Leve, esguio, pequeno, carinhoso
 Apertado a gemer n'um sapatinho :
 Um pé de matar gente e pisar flores,
 Namorado da lua, e pae de amores.

Um pé como eu já vi subindo a escada
 Da casa de um doutor,
 De moçoila gentil, a erguida saia
 Deixou-me ver a delicada perna...
 Padres, não me negueis se estaes em calma
 Um coração no pé, na perna uma alma.

Um pé, como eu já vi, junto a ottomana
 Em fervido festim,
 Tremendo de walsar, envergonhado,
 Sob a meia subtil, e a cor do péjo
 Deixando fluctuar na meia azul,
 Requebro, amor, feitiço... um pé taful. »

Parecia que depois desta voluptuosa melodia de lyrismo pomposo que recende a incenso arabico, qualquer musa, por superior que fosse, não poderia ter vôos para entoar canticos a este idolo dos sentidos sinão rasteiros. A musa do Sr. Guimarães deu prova robusta contra esta supposição. O seu hymno não tem a pompa deslumbrante e tersa do de José Boni-

facio ; mas tem originalidade mimosa, e graça tão transparente que folgo de o reproduzir para delicia do leitor :

« A BORRALHEIRA

« Meigos pés pequeninos, delicados
Como um duplo lilaz, — se os beija-flores
Vos descobrissem entre as outras flores,
Que seria de vós, pés adorados!

Como dois gemeos sylphos animados,
Vi-vos hontem pairar entre os fulgores
Do baile, ariscos, brancos, tentadores.....
Mas, ai de mim ! — como os mais pés calçados.

« Calçados como os mais ! que desacato!
Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato
Leve, idéal, fantastico, secreto.....»

Eil-o. Resta saber, anjo faceiro,
Se acertou na medida o sapateiro:
Mimosos pés, calçai este soneto.

Levantemos as vistas para as pousarmos em um ponto luminoso — *Os olhos de Clemencia.*

Imagine o leitor que é Clemencia uma criança meiga, clara, risonha, com uns longes de ternura e melancolia. Prevendo o futuro, o poeta imagina tambem que os bellos olhos da criança, para os quaes elle tem agora castos e alegres gabos, hão de inundar-se daqui a alguns annos mais de lagrimas suggeridas pelo amor, pela saudade, pela ingratição talvez, quando o coração della pertencer a outro prégoeiro dos seus encantos. E' tão sentido o vago receio do poeta que parece presentimento de amor paternal.

Julgue por si mesmo o leitor :

OS OLHOS DE CLEMENCIA

Os olhos della, os olhos de Clemencia
São como o infindo azul resplandecente:
Olhos em cuja luz mysticamente
Desponta a estrella d'alva da innocencia.

Nada perturba a calma transparencia
Desse infantil olhar terno e dormente,
Onde se estampa ainda fielmente
Do divino cuidado a paciencia.

Deixa que eu cante, oh anjo, a formosura
Do teu olhar dulcíssimo: — entretanto
Cedo virá a hora ingrata e escura

Em que outra voz apregoará o encanto
Dos olhos teus, queimados de amargura,
De amor, de febre e de insensato pranto.

Quanto teria eu que dizer de olhos si não devesse ficar aqui.
Quem ler os *Sonetos e rimas* reconhecerá comigo que não
de sobreviver ao seu autor estas rosas, tão frescas e engraçadas
como os idyllios de Theocrito.

FRANKLIN TAVORA